

# mosaico

ISSN 1676-1170



2007

9 771676 117002 3 9

*apoio pastoral*

## Os gemidos da

# Criação

### NESTA EDIÇÃO

**O que está acontecendo com a criação?**

*Andréia Fernandes*  
pág. 3

**Meio Ambiente na Bíblia: um caminho de interpretação**

*Paulo Roberto Garcia*  
pág. 5

**Metodismo e a Nova Criação: considerações para uma teologia da salvação da criação**

*Gercymar W. Lima e Silva*  
pág. 8

**Mudanças climáticas: preocupações, reflexões e ações da Igreja**

*Rogério Pereira da Silva*  
pág. 10

**A cidade como fonte de esperança e campo missionário**

*Fábio B. Josgrilberg*  
pág. 12

**Água para a vida**

*Conselho Mundial de Igrejas*  
pág. 14

**Não há lugar para o espinheiro**

*Josué Adam Lazier*  
pág. 16

**A Igreja Metodista no Brasil e a encruzilhada entre Bento XVI e o G-12**

*Paulo Ayres Mattos*  
pág. 20



## A responsabilidade cristã e o Meio Ambiente

# Editorial



Há uma responsabilidade cristã com o meio ambiente muitas vezes ignorada, ou desprezada, que precisa ser enfatizada em tempos de alarme global.

Nunca se falou tanto nos últimos tempos em cuidado com o meio ambiente. Afinal, o que antes era coisa de ecologistas, até mesmo “de gente desocupada”, está sendo sentido na pele de pessoas espalhadas por todo o planeta Terra, a nossa “casa comum”. Desde o aumento de tempestades e catástrofes, resultantes das alterações nos mares e na atmosfera com o aquecimento global, as estações do ano que não mais seguem o seu curso normal passando pelo aumento da incidência de câncer de pele, os gemidos da criação são parte da nossa vida hoje.

E os cristãos e cristãs, o que têm a ver com isto? E as igrejas? O que diz a Bíblia? Qual é a leitura teológica apropriada ao tema? O que têm sido fei-

to? Mosaico Apoio Pastoral oferece uma série de contribuições que buscam responder a estas questões. São abordagens diversas, mas com um elemento em comum: há uma responsabilidade cristã com o meio ambiente muitas vezes ignorada, ou desprezada, que precisa ser enfatizada em tempos de alarme global. Vale a pena refletir.

Outras contribuições completam o mosaico de temas no campo da educação cristã, da questão da violência urbana e da recente Declaração Católica Romana *Dominus Iesus*, do Vaticano. Como parte da sua vocação, Mosaico Apoio Pastoral traz abordagens contemporâneas para contribuir com a prática nas comunidades locais. O diálogo está sempre aberto!

## Mosaico Apoio Pastoral

Ano 15, nº 39  
Junho/Setembro de 2007

Publicação da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/ Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

**Reitor da Faculdade de Teologia:** Rui de Souza Josgrilberg; **Reitor da UMEP:** Márcio de Moraes; **Diretor Administrativo da Faculdade de Teologia:** Otoniel Luciano Ribeiro; **Coordenador da Edição:** Ronaldo Sathler-Rosa; **Editora do Mosaico:** Magali do Nascimento Cunha; **Coordenador de Produção:** Luiz Carlos Ramos.

**Conselho Editorial:** Blanches de Paula, Fábio N. Marchiori, José Carlos de Souza, Luiz Carlos Ramos, Magali do Nascimento Cunha, Natália de Souza Campos, Nelson Luiz Campos Leite, Otoniel Luciano Ribeiro, Rui de Souza Josgrilberg, Ronaldo Sathler-Rosa, Stanley da Silva Moraes e Tércio Machado Siqueira

**Projeto gráfico:** Luiz Carlos Ramos; **Editoração e Arte final:** Glória Pratas; **Capa:** Jovanir Lage; **Edição e montagem de imagens:** Glória Pratas; **Tiragem deste número:** 2.000 exemplares; **Distribuição gratuita.**

\*  
\*\*\*  
\*

### Mosaico Apoio Pastoral

EDITEO



Caixa Postal 51411, Rudge Ramos, São Bernardo do Campo, CEP 09731-970



Fone: (0\_\_11) 4866-5983  
Fax: (0\_\_11) 4866-5962



editeo@metodista.br

Editorial



# O que está acontecendo com a criação?

Andréia Fernandes



**A** cada dia os noticiários anunciam alterações climáticas e suas consequências por todo mundo: poluição das águas, incêndios florestais, ondas insuportáveis de calor, vendavais, terremotos e outros fenômenos que acontecem por toda parte. Tudo isso nos faz perguntar: o que está acontecendo com a criação? Mas, será esta a pergunta correta? Não seria melhor perguntar “o que fazemos com a criação?” Sim, esta é a melhor pergunta, pois grande parte do que acontece, hoje, diz respeito ao que, durante muito tempo,

homens e mulheres fizeram e têm feito.

## Humanidade e criação

Ao final da criação da natureza e da humanidade, Deus contempla a sua obra e conclui que tudo o que havia feito, não era apenas bom, era muito bom (Gênesis 1.31). Tal opinião, possivelmente advinha de uma percepção de que, humanidade e criação, a partir de uma relação dialógica, pudessem não só interagir, mas se contemplar e se completar.

Conclusões e percepções inadequadas do papel da humanidade na dinâmica da relação com a criação acabaram por gerar uma série de equívocos que hoje se traduzem em intenso desequilíbrio ecológico.

À humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus, coube a tarefa de cuidar da natureza, administrá-la e guardá-la. Gênesis 2.15 nos aponta tal função: “Javé Deus tomou *o* homem e *o* colocou *no* jardim de Éden, *para* que *o* cultivasse e guardasse” (Edição Pastoral). En-

tretanto, a história ecológica escrita pela humanidade não demonstra o cuidado pela natureza, antes reflete uma relação desregrada e desleal.

## Imagem e semelhança, de quem?

Por que será que o ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus não se relaciona de forma harmoniosa com a criação, como Deus faz? A questão é justamente a inadequada interpretação do que é ser imagem e semelhança de Deus. As más fases da história humana se de-

Meio  
Ambiente

ram e se dão pelos sentimentos de onipotência e cobiça que invadem o coração humano, enchendo-o, como se diz por aí, do desejo de ser igual a Deus... Penso que esta é uma definição inadequada.

O Deus da vida e da história é o Deus que se move por uma tamanha paixão pelo outro, agindo e realizando a promoção e a preservação da vida. Logo, o sentimento que invade a humanidade não é o de ser semelhante a Deus, já que Deus usa o seu poder para “empoderar” e não para oprimir; usa o seu amor para libertar e não para enclausurar; sonha, para o mundo e a humanidade, uma vida em comunidade não em sociedades devastadas e divididas.

À pergunta “o que está acontecendo com a criação?” cabe a resposta: ela perece por conta da humanidade que por deixar cada vez mais de ser imagem e semelhança de Deus e enxerga-se como um ser superior à criação, relaciona-se com ela de forma inadequada e destrutiva.

### Quem é responsável?

Diante de tal conclusão, uma outra pergunta surge: o que acontecerá com a criação? Ao tentar respondê-la, recordo-me de uma historinha, muito conhecida, que fala sobre

dois jovens que queriam testar a sabedoria de uma anciã da aldeia. Um dia, um deles pegou um passarinho e o escondeu na mão, em seguida falou para a sua companheira: “vamos até aquela sábia mulher e perguntemos se o passarinho que está na minha mão está vivo ou morto. Se ela responder que está vivo, eu o mato com as mãos, mas se ela responder que o passarinho está morto, eu o solto”. Assim fizeram. Chegaram até a sábia mulher e perguntaram-na a respeito do pássaro. A mulher, à tal pergunta respondeu: “a resposta está em suas mãos”.

A resposta da sábia mulher se aplica à nossa indagação sobre o que acontecerá com a criação: “a resposta está nas nossas mãos!”. Como estão as nossas mãos? Como está o nosso coração para que oriente a ação das nossas mãos? De forma poética o bispo Isaac Aço nos fez pensar:

Há mãos que sustentam e  
mãos que abalam

mãos que limitam e mãos  
que ampliam;

mãos que se abrem e  
mãos que se fecham;

mãos que afagam e mãos  
que se rasgam;

mãos que ferem e que  
cuidam das feridas;

mãos que destroem e  
mãos que  
edificam;

mãos que batem e mãos  
que recebem as pancadas  
por outros.

Há mãos que escrevem  
para promover

e há mãos que escrevem  
para ferir;

há mãos que operam e  
curam e mãos que geram  
amargura;

há mãos que se apertam  
por amizade

e mãos que se empurram  
por ódio;

Onde está a diferença?  
Não está nas mãos, mas  
no coração.

Há mãos e... mãos!

As tuas, quais são? De  
que são? Pra que são?

### A responsabilidade cristã

Muitas mãos e corações engajam-se hoje em inúmeras campanhas de preservação e promoção da natureza. É tempo de lutar e educar, é tempo de se transformar, ou melhor, de reciclar! A Igreja não pode ficar fora dessa dinâmica. Dos púlpitos às classes de escola dominical passando pelos grupos de discipulado existentes em todas as nossas igrejas é preciso dar espaço, incluir a questão ecológica no que diz respeito à preservação do meio ambiente, já que isso significa a preservação da vida. Uma Igreja comprometida com a proclamação do evangelho integral não pode se esquivar

de engajar-se de forma séria, planejada e comprometida com as questões ecológicas tão relevantes nesses tempos. “Quais são as mãos da igreja? De que são? E pra que são?”.

Sei que as mãos da Igreja são mãos que acolhem, educam e direcionam. Muitas vozes clamam por uma nova moralidade no que diz respeito à relação da humanidade com a criação. Não sei se é a construção de uma nova moralidade o caminho para tal equilíbrio entre seres humanos e meio ambiente. Creio que, talvez, se a humanidade se reencontrar como imagem e semelhança de Deus, e desenvolver sua relação ecológica como tal, muitas coisas boas e novas podem acontecer. Nisto a igreja pode e deve ajudar, mas, para tanto, ela mesma precisa se encontrar e se reinventar como imagem e semelhança de Deus. À igreja, a mim e a você descortina-se o desafio de inspirar-se no Deus apaixonado e, diante das situações, transformar-se de apática a simpática para que uma nova história de vida e preservação da Criação seja escrita.

**Andréia Fernandes** é pastora metodista e integra a equipe do Departamento Nacional de Escola Dominical da Igreja Metodista.

*Meio  
Ambiente*

# Meio Ambiente na Bíblia: um caminho de interpretação

Paulo Roberto Garcia

A ecologia tem-se constituído em um dos grandes temas multi-disciplinares da atualidade. Ela é objeto de pesquisas e ensaios em diversas áreas do saber humano. A teologia é uma dessas áreas onde a contribuição ao debate torna-se fundamental.

Um primeiro desafio que enfrentamos quando decidimos abordar a ecologia a partir das tradições bíblicas é o de reler afirmações que se tornaram comuns na discussão ecológica. A tradição bíblica, que confere ao ser humano a tarefa de “dominar” e “sujeitar” a terra, tem servido como uma autorização religiosa para a devastação. Aqui temos um problema de interpretação. Nossa proposta é apontar outras possibilidades de apropriação do texto bíblico, tendo como referencial a relação com o meio ambiente. O que queremos é tirar da tradição bíblica o papel legitimador dessa destruição. Para isso, necessitamos recuperar as tradições que invertem esse papel e apresentam novas possibilidades de compreensão do problema.

O segundo desafio que

enfrentamos é o de encontrar textos e tradições no Novo Testamento que se abram para uma discussão ecológica, uma vez que não há no Novo Testamento material diretamente relacionado com o meio ambiente e as concepções do papel do ser humano no mundo criado, como acontece, por exemplo, nos relatos da criação contidos na Bíblia Judaica (o Antigo Testamento dos cristãos).

Para enfrentar esse desafio, vamos abordar dois textos que, ao tratar de temas teológicos diversos, usam a relação com a na-

tureza como suporte. Com isso, entendemos que apontaremos para um caminho de interpretação que pode ser utilizado na abordagem a outros textos, sem pretender resumir toda a relação do Novo Testamento com a ecologia as passagens abordadas.

## Romanos 8.18-23

Vamos iniciar com este trecho de Romanos por uma predileção a esta carta – é um dos textos teológicos densos do Novo Testamento. O tema

central é o confronto entre a vida debaixo da Lei e a vida debaixo da Graça. Na estrutura da carta, os capítulos de 1 a 7 tratam do tema da vida debaixo da Lei. A conclusão sobre os caminhos de uma vida vivida debaixo da condução da Lei é sombrio e o resultado é um corpo de morte do qual o ser humano não pode se livrar (7.24). Já os capítulos de 9 a 14 apresentam a vida debaixo da Graça. O resultado dessa vida é relacional. A vida vivida debaixo da graça de Deus se expressa na construção de uma nova relação com o outro, com os fracos da



Meio  
Ambiente





comunidade e, até mesmo, com os inimigos.

Nessa estrutura, o capítulo 8 de Romanos representa a “dobradiça” da carta. Ele marca a passagem da vida debaixo da Lei para a vida debaixo da Graça. Essa mudança acontece por intermédio do Espírito. A maior ocorrência da palavra “Espírito” nos escritos paulinos se dá nesse capítulo. Pela ação do Espírito a vida humana sai de uma ênfase baseada no “eu” e entra em uma dimensão relacional. Aqui encontramos não só o ponto central da carta como também o eixo que nos interessa. Essa nova vida que se expressa em sentido relacional tem uma característica cósmica.

Na texto selecionado aqui, o pecado humano, responsável pelo fracasso das tentativas de se viver uma vida debaixo da Lei e do qual resulta um corpo de morte, atinge também a natureza.

Embora o autor coloque a glória dos filhos de Deus como central, percebemos que nessa tradição o pecado humano tem dimensão cósmica e, do mesmo modo, a salvação

se inscreve em uma visão da restauração cósmica. O que é importante frisar é que nos escritos paulinos essa restauração não se dá em um tempo vindouro, mas é um processo que se inicia na passagem da vida debaixo da Lei para a vida debaixo da Graça - por isso a posição deste capítulo na estrutura da carta. Deste modo, a renovação de todo o cosmos é simultânea à renovação da vida humana a partir da experiência religiosa.

Com isso, nesse texto paulino a vida cristã é apresentada como uma mudança de paradigmas, sai do egocentrismo e ingressa em uma dimensão relacional da existência em que as relações são restauradas: a relação com o outro; a relação com os fracos; a relação com os inimigos; e, também, a relação com a natureza.

De acordo com essa passagem, não há vida cristã que destrua o meio ambiente. Um cristianismo que não tenha na relação com o meio ambiente uma das expressões da restauração da vida encontra-se, ainda, preso ao

corpo de morte. A natureza é parte integrante da nova vida proporcionada pelo Espírito.

### Apocalipse 6.12-17

Nesta passagem nos encontramos em um gênero literário diferente, o apocalíptico. Passamos por uma carta e agora vamos abordar um escrito de uma comunidade apocalíptica da Ásia do final do primeiro século. O gênero apocalíptico é caracterizado por uma linguagem simbólica para expressar um juízo sobre o presente e animar a fé da comunidade com as esperanças futuras. Poderíamos compará-lo a um álbum de fotografias da família. Toda vez que alguém olha as fotos se lembra do passado e isso anima o presente. O livro lança mão de imagens e símbolos que fazem parte da tradição do povo para criticar o tempo presente e exortar a comunidade a permanecer firme e não perder a dimensão da esperança futura.

No livro do Apocalipse, os seis primeiros selos – nos quais esta passagem está inserida – mos-

tram um julgamento da violência que tomou conta do mundo e o resultado disso na vida dos cristãos. Os quatro primeiros, que revelam cavalos de cores diferentes, apresentam um projeto de vitória, a vitória da violência. O primeiro cavalo, de cor branca – que é a cor usada no Apocalipse para representar a vitória –, significa a vitória específica desse projeto. Ele é caracterizado por armamentos militares. O segundo, vermelho, representa a ação do primeiro. É a guerra e sangue derramado. O terceiro cavalo, também consequência do anterior, da cor da noite, representa a carestia. A balança, numa referência ao comércio, pesa os produtos e o preço deles é abusivo. O quarto e último cavalo, esverdeado, é um resumo dos anteriores e representa a morte. Morte pela guerra, pela fome, pela peste, pelas feras da terra. Esse é o primeiro projeto de vitória, a vitória dos que exercem o poder pela violência.

O quinto selo apresenta outro projeto de vitória, a vitória dos que morreram em nome do teste-

munho. Eles clamam pela justiça e pela vingança divina. Recebem uma cor branca e representam a vitória deles. Aqui o projeto de vitória é apresentado a partir do testemunho de fé, a qual não se dobra aos projetos de violência e que prefere morrer a participar da estrutura de violência e morte.

Nesse confronto de projetos, o texto apresenta a catástrofe escatológica. Os sinais são aterrorizantes:

12 Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo. Houve, então, um grande terremoto. O sol ficou negro como saco de carvão. A lua inteira, cor de sangue. 13 As estrelas do céu despenharam sobre a terra, como pé de figo soltando figos verdes quando bate vento forte. 14 O céu se enrolou, feito folha de pergaminho. As montanhas todas e as ilhas foram arrancadas do lugar.

Diante desta catástrofe, os “reis da terra, os mag-natas, os capitães, os ricos e os poderosos, todos, escravos e homens livres” – temendo o juízo de Deus – pedem socorro às montanhas. Todos os que viviam a partir do projeto da violência buscam proteção delas contra o julgamento divino. É estranho, mas a

natureza aparece aqui como cúmplice dos poderosos e é evocada como protetora deles diante da justiça de Deus. Nessa tradição, o cosmos está marcado pela violência e pelo pecado. Ele se torna instrumento e parceiro dos violentos em seu projeto de destruição. Com isso, poderíamos esperar que o resultado do julgamento divino seria, além do juízo sobre os poderosos, um juízo sobre a natureza, destruindo-a juntamente com todos aqueles e aquelas que praticaram injustiça e derramaram o sangue das testemunhas. Porém, não é isso o que acontece.

O livro do Apocalipse é duro com aqueles que integram o sistema de poder que provoca a morte, porém apresenta para a natureza a esperança da renovação do cosmos. A inauguração do reinado escatológico consiste, também, na renovação do cosmos (confira, por exemplo, em Ap 21.1 onde há a promessa de um novo céu e nova terra que surgem em decorrência da falência do primeiro céu e da primeira terra, que

marcados pelo projeto de violência irão passar).

Deste modo, o cosmos se insere na história humana e, de um lado, é cooptado pelos projetos de violência, tornando-se cúmplice, porém, na tradição apocalíptica, o julgamento escatológico e o surgimento do Reino de Deus passam pela renovação do céu e da terra. As leituras marcadas por um antropocentrismo a-histórico colocam a atenção da escatologia unicamente no ser humano. Porém, quando olhamos os textos percebemos que o mundo como espaço vital do ser humano é parte integrante do processo de renovação. O cosmos que se contorce junto aos projetos de injustiça se rearticula diante da inauguração do novo tempo.

## Conclusão

A abordagem das duas passagens distintas, tanto em termos cronológicos quanto em termos de tradição teológica e de gênero literário, aponta que, mesmo sem tratar diretamente a relação entre os seres humanos e o meio ambiente, ela aparece co-

mo subentendida na discussão teológica. Na tradição bíblica o cosmos é parte integrante da criação divina e, assim, participa igualmente das dores, da violência, da indignação, da cooptação e, também, da esperança de restauração.

Na teologia do Novo Testamento há uma profunda vinculação entre as propostas de renovação da condição humana – em especial dentro dos critérios de justiça e juízo – e a renovação do cosmos. Isso significa que não é possível desvincular as lutas pela dignidade humana, justiça e paz – lutas originadas nos ideais bíblicos e neotestamentários – daquelas em favor da integridade da criação. Cosmos e seres humanos são parte da criação de Deus e gemem conjuntamente pela renovação da vida.

---

**Paulo Roberto Garcia** é pastor metodista, doutor em Ciências da Religião e professor de Novo Testamento da FaTeo, onde também é Coordenador do Curso de Teologia. Este texto é um extrato, adaptado, do artigo do mesmo autor “A ecologia na perspectiva neotestamentária”, publicado em CASTRO, Clovis Pinto de (org). Meio Ambiente e Missão: a responsabilidade ecológica das igrejas. São Bernardo do Campo: Editeo/UMESP, 2003, p. 55-66.

# Metodismo e a nova criação

## Considerações para uma Teologia da Salvação da Criação

Gercymar Wellington Lima e Silva

**C**ertamente o meio ambiente enfrenta um dos problemas mais marcantes dos dias atuais. Não é difícil compreender que o futuro da raça humana depende de reflexões e ações em torno da causa ecológica e do meio ambiente. A compreensão disso deveria levar a humanidade a defender a ordem estabelecida como princípio de equilíbrio.

Theodore Runyon, no livro *A Nova Criação. Teologia de João Wesley hoje* [Editeo, 2002], lembra que “isso é inerente ao papel da humanidade como portadora do que Wesley chama de ‘imagem política de Deus’, a vocação para ser o fiador da justiça e da ordem natural em relacionamento com o resto da criação”. Wesley também nunca situou a Criação num lugar menos relevante na obra divina. Dito de outra forma, a Criação, no seu todo, compõe a plena manifestação de Deus e da sua Graça.

Wesley, nas *Notas Explicativas aos Romanos*, comentando o texto de Romanos 8.18-28, ressalta que: “a própria criação será redimida – A destrui-



[http://www.space.com/images/ig232\\_11\\_02.jpg](http://www.space.com/images/ig232_11_02.jpg)

ção não é redenção; portanto, o que é destruído, ou que deixa de existir, simplesmente não é redimido”. A Criação geme, a humanidade geme e o Espírito geme, aguardando a expectativa de redenção. As contribuições para uma interpretação teológica que revelam preocupação com a questão ecológica não representam somente a superação do antropocentrismo inerente ao ser humano, mas envolve, sobretudo, o modo como a humanidade interpreta a sua relação con-

sigo mesma e com o mundo que a circunda.

### Salvação da criação

O movimento wesleyano não estabeleceu a questão ecológica como preocupação central de seus esforços, embora possa se verificar que Wesley tinha “interesse e fascínio pelas ciências e pelo mundo natural”. Conforme Theodore Runyon, esse “interesse se estendeu das observações sobre a imensa variedade de espécies que habitam

o globo até as condições climáticas ao redor da terra e os fenômenos científicos, tais como eletricidade, com a qual ele fez experimentos, familiarizando-se com aqueles conduzidos por Benjamin Franklin e outros”.

O metodismo transplantado para o Brasil não só foi distorcido e desvirtuado, como foi pouco fiel à tradição do metodismo nascente, o que torna, de certo modo, sua atualização e re-significação pouco promissora se não atentarmos para esse fato, como acentua Cláudio de Oliveira Ribeiro em diferentes escritos, entre eles “Ecologia e teologia metodista: reflexões preliminares para se perceber os limites e as possibilidades dessa aproximação” [em *Meio Ambiente e Missão: a responsabilidade ecológica das igrejas*. Editeo/UMESP, 2003]. Nesse caso, recriar o metodismo hoje não é uma tarefa simples. Dentre os principais impedimentos, pode-se destacar a leitura descontextualizada do pensamento de Wesley.

Deus, como fonte de salvação, é resposta soteriológica de toda a forma

Meio  
Ambiente



de vida existente. Portanto, é fundamental ler e avaliar a expectativa presente na leitura bíblica de Romanos 8.18ss. É surpreendente e valiosíssima também a abordagem de Wesley no sermão 56, “O beneplácito de Deus por suas obras”. Isso ajuda a avaliar o sentido que tem a Criação como fonte teológica, representado uma reafirmação vigorosa pela promoção e defesa da vida e todas as suas formas de existência. É indispensável lembrar ainda que humanidade e cosmos estão intrinsecamente ligados. A versão brasileira para as fontes teológicas wesleyanas – Bíblia, Tradição, Razão, Experiência e Criação – tem a intenção de resgatar o valor teológico substancial da temática da Criação, reafirmando o anúncio das obras das mãos de Deus (Salmo 19).

### A nova criação

É preciso nutrir uma reflexão teológica sistêmica, assim como fazer ecologia, de modo responsável, sem cair em ingenuidade ou trabalho fútil, tornando-se verdadeiramente comunidade missionária a serviço do povo. A tarefa teológica precisa ascender à prática, envolvendo a Igreja numa evangelização comprometida com uma nova visão de salvação – a Salvação da Criação. Isso requer uma autêntica interpretação bíblica, não necessariamente nova.

Um exemplo é rever

Gênesis 1-2 na perspectiva do zelo do ser humano pela Criação e não o domínio. Há um problema de interpretação nesse texto em relação ao original, o que requer o seu reestudo.

O pacto da Graça de Deus com a humanidade não reduziu a concepção do Antigo Testamento de que “os céus proclamam a glória da mão de Deus e o firmamento anuncia a obra de sua mão” (Salmos 19.1). A interpretação cristológica da salvação não exclui a Criação como um dos eixos da revelação de Deus, tampouco o significado de salvação que abrange o cosmos, o qual a Igreja é chamada a considerar em seu *kerygma* (em sua pregação). De outra forma, a relação da humanidade com o mundo que

dia dos tempos de Wesley”. Runyon indaga por pistas no pensamento de Wesley, se é que “suas visões são suficientemente completas e amplas para serem aplicadas a temas que ele não confrontou diretamente”.

### Teologia e missão no metodismo

É de “forma criativa” e, sobretudo, baseado em “diálogos abertos para experiências”, “voltada para nossa vida no mundo”, “de natureza essencialmente prática” que nasceu no Brasil uma versão do Quadrilátero Wesleyano. Esse quadro metodológico (ver ilustração), além de constituir uma importante atualização teológica, contribuiu para re-

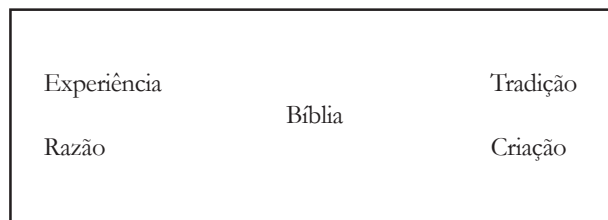
é fortalecido pela *razão*, e pode ser observado na *criação*”.

O metodismo no Brasil assumiu, já no seu advento, ênfases individualistas e intimistas da herança norte-americana, “o que faz inviabilizar as discussões em torno da problemática social da fé cristã”. Conforme Ribeiro, em texto já citado, “o metodismo implantado no Brasil é pouco wesleyano e reduziu-se a uma forma especial de pietismo”.

Mas, discursos dualistas sustentam as separações entre preocupações espirituais e materiais. Uma pergunta atinente é: “Como pode a teologia wesleyana nos auxiliar nesse contexto?”. Infelizmente, no Brasil, reforçaram-se as interpretações metafísicas sobre a salvação, reduzindo-a a uma compreensão individual, negando o seu aspecto social e, sobretudo, cósmico, como indicado nos escritos bíblicos e nas reflexões teológicas mais consistentes.

O metodismo tem o desafio de refletir sobre trabalho teológico que surge em torno da temática da Criação, considerando a possibilidade de entrelaçar-se com a missão das igrejas locais e nos diversos contextos que a Igreja se faz presente.

**Gercymar Wellington Lima e Silva** é pastor metodista na 4ª Região Eclesiástica e Especialista em Estudos Wesleyanos.



a circunda ficará evidentemente comprometida.

É razoável, portanto, “a necessidade de responder às demandas teológicas que emergem nesse novo milênio, especialmente em torno da temática da Nova Criação”. Theodore Runyon lembra que “apesar de os londrinos reclamarem fortemente da fumaça causada por muitas lareiras a carvão, a ecologia não estava na ordem do

forçar a dimensão eclesiológica e missionária das igrejas no Brasil, fundamentando, no seu sentido estrito, uma responsabilidade ecológica das igrejas.

É óbvio que todo esquema tende a ser reduutivo. Mas, “a premissa é que Wesley estava convencido de que o centro da fé cristã encontra-se revelado na *Bíblia*, é iluminado pela *tradição*, é despertado pela *experiência* na vida,

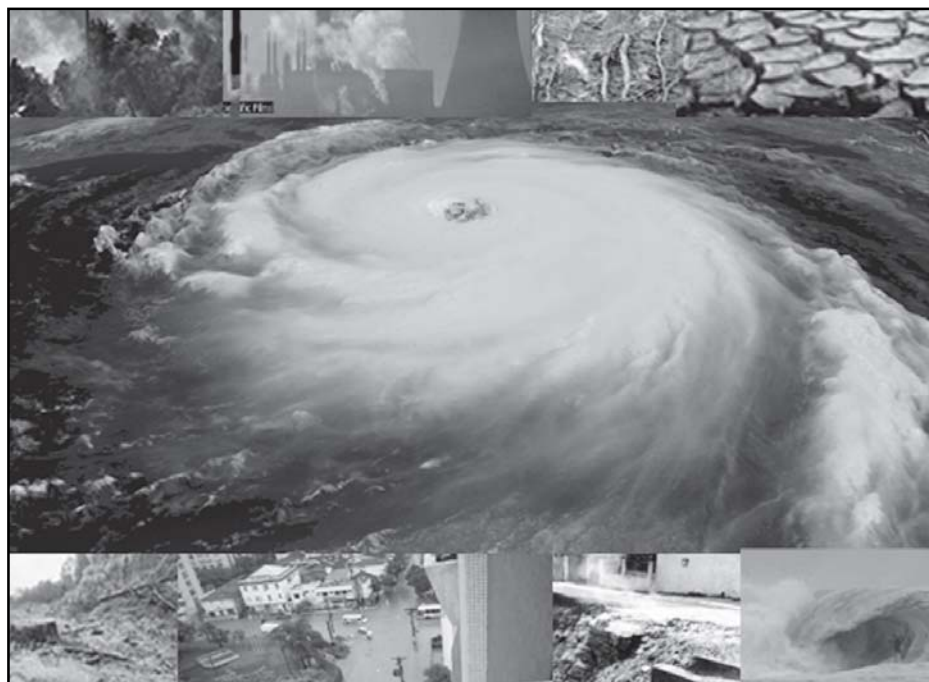
Meio  
Ambiente

# Mudanças Climáticas: preocupações, reflexões e ações das Igrejas

Rogério Pereira da Silva

**A** cada dia ouvimos falar na questão do aquecimento global, das mudanças no clima, no desequilíbrio da natureza, seja em conversas informais seja pela mídia. É um assunto polêmico, com posições contraditórias. Há os catastróficos e os que acham que as abordagens são exageradas, mas na comunidade científica é consenso que o clima mundial está mudando e que a principal causa é a ação do ser humano.

Os problemas climáticos do planeta têm gerado sérias consequências, não apenas ecológicas e ambientais, mas também sociais. Secas de um lado, tempestades e inundações de outro, o avanço do mar devido ao descongelamento das geleiras polares. Essa situação tem obrigado populações inteiras a abandonarem os locais que habitaram durante gerações, procurando outro ponto para se estabelecer, o que gera impactos sociais e econômicos: onde e como acolher populações de forma apropriada, com estruturas suficientes de habitação, alimentação, educação e trabalho, ga-



rantindo não somente a sobrevivência, mas também a dignidade?

Além das mudanças no clima, os recursos do planeta começam a mostrar esgotamento. O acesso à água potável tem se tornado uma das maiores preocupações da atualidade. (veja nas páginas 14 e 15 a Declaração sobre Água para a Vida do Conselho Mundial de Igrejas/CMI). Há outros graves problemas ambientais que afetam o planeta: desmatamentos e queimadas que destroem a biodiversidade, levando animais e

plantas à completa extinção, a emissão de gás metano na atmosfera contribuindo para o desequilíbrio do efeito estufa, gerando o aquecimento global.

## A responsabilidade humana diante da criação

O CMI tem debatido o assunto desde 1990, quando as mudanças climáticas mundiais foram identificadas pela comunidade científica como uma das questões sociais e ecológicas que

afetariam todas a Criação, e, aliadas a elas outras duas intimamente ligadas: o desenvolvimento científico e tecnológico e a economia.

O desenvolvimento tecnológico e científico pode trazer tanto benefícios ao planeta como grandes males. Assim como a tecnologia pode ser usada na cura de doenças e melhora da qualidade de vida, também poder ser usada para produzir morte e destruição, como a tecnologia bélica. Há delicados pontos nessas novas descobertas que envolvem valores éticos e religiosos, ressaltados no documento “Fé,

*Meio  
Ambiente*

Ciência e Tecnologia” do CMI (disponível em <http://www.oikoumene.org/?id=3125>).

Da mesma forma a globalização da economia é realizada de forma unilateral, sem respeito às diversidades das culturas locais e regionais, gerando, por um lado, riquezas nas mãos de minorias e, por outro, miséria e exploração das camadas mais pobres, numa lógica que busca a mão-de-obra mais barata, incluindo-se aí trabalho infantil e escravo.

O fosso das desigualdades entre pessoas e entre nações é cada vez maior e o capital especulativo toma governos e cidadãos como reféns, ameaçando “fugir” à sombra de qualquer risco, fazendo com que o planejamento econômico dos países visem muito mais ao dinheiro dos investidores internacionais do que às necessidades de suas próprias populações. É necessário ter um modelo econômico que coloque a vida em primeiro lugar, que leve em consideração as questões étnicas, culturais, ecológicas, respeitando toda a Criação e dignificando o ser humano.

No entendimento das igrejas unidas no CMI, o estilo de vidas das nações ricas, transplantado para as nações periféricas, tem contribuído para as grandes e negativas transformações do clima planetário. É não somente uma questão de justiça internacional, mas de justiça com as gerações vindou-

ras, que sofrerão as consequências.

## Ações por um mundo melhor

Na *Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e o Desenvolvimento*, em 1992, conhecida como ECO 92/Rio de Janeiro, o CMI formou um grupo de trabalho sobre mudanças climáticas, que tem atuado desde então. Uma importante contribuição do trabalho ecumênico sobre mudanças climáticas é a capacidade de juntar diferentes atores – cientistas, empresas, ONG’s, governos – num diálogo comum para uma análise ética e moral da situação. O CMI contribuiu na construção e manutenção de uma rede com pessoas engajadas, estabelecendo parceria com igrejas, concílios nacionais, organizações ecumênicas regionais, estabelecendo ligações, inclusive, com agências e organizações seculares, mas que estão preocupadas com a questão climática mundial.

O Grupo de Trabalho sobre Mudanças Climáticas do CMI tem trabalhado com vistas a desafios específicos:

- Prevenir o colapso do Protocolo de Kyoto: acompanhar as negociações e encaminhamentos referentes ao Protocolo assinado no Japão, que regula a quantidade de gases na atmosfera emitida pelas na-

ções, especialmente as mais industrializadas. O desafio é pressionar os países para que o Protocolo não seja transformado em instrumento de troca do mercado, sem a real preocupação com a redução das metas de emissão de gases.

- Desenvolver um novo cenário para o período após 2012: é necessário pensar uma política justa e equitativa sobre o clima global após 2012, quando se encerra a primeira etapa do acordo estabelecido em Kyoto, que traga soluções para o desenvolvimento sustentável.
- Chamar a atenção para a adaptação ao impacto das mudanças climáticas: estimular políticas de apoio a programas de adaptação nos países onde as mudanças climáticas são mais sentidas, com atenção especial aos riscos relacionados à água. O CMI está presente nesses países de forma solidária, auxiliando iniciativas e projetos de adaptação e na busca por sistemas alternativos de energia.
- Transformação do modelo econômico que atualmente prevalece: O CMI chama a atenção para a necessidade de estilos de vida alternativos, com

mais respeito à natureza e às relações humanas, observando o

cuidado mútuo baseados na justiça e na solidariedade, rejeitando a ilusão de autonomia individual e conforto material sem uma espiritualidade comunitária.

- Identificar novos horizontes para o testemunho e ação das igrejas: Convocação às igrejas a clamar publicamente por ações consistentes na implementação no cenário político internacional sobre mudanças climáticas e questões ligadas a ela. Isso inclui os programas do CMI focados em áreas como superação da pobreza, água para todos/as, biotecnologia, gênero e HIV/AIDS.

Muitas igrejas têm ações voltadas para a educação e podem ser exemplo para seus membros e para a sociedade. O desenvolvimento de um estilo de vida alternativa que enfatize o valor do relacionamento com a Terra, com a família e com a comunidade acima das compulsões materiais e consumismos são essenciais para a construção desse novo mundo.

Conheça os projetos e ações do CMI, acesse:

<http://www.oikoumene.org/es/programas/justicia-y-diaconia/climate-change-and-water/public-campaign-on-climate-change.html>

<http://wcc-coe.org/wcc/what/jpc/ecology.html>

---

**Rogério Pereira da Silva** é leigo metodista e assistente da Área de Comunicação e Relações Externas da FaTeo.





# A cidade como fonte de esperança e campo missionário

Fabio B. Josgrilberg

Pois a criação  
ficou sujeita à  
vaidade  
(Rm 18. 20)

Certa vez, “eu visitei o máximo de pessoas que pude. Encontrei alguns deles em porões; outros nos seus sótãos, famintos e com frio, somados à fraqueza e dor. Mas não encontrei um deles desempregado, que rastejasse pelo quarto. Como é fraca e maldosa a falsa objeção comum: ‘Eles só são pobres porque são ociosos’. Se você visse essas coisas com os seus próprios olhos, poderia desperdiçar dinheiro em ornamentos e superficialidades?” A pergunta que se fez John Wesley em seu diário, em registro dos dias 9 e 10 de fevereiro de 1753, toca em duas questões fundamentais para a nossa geração: 1) a incapacidade do sistema econômico atual de garantir as condições necessárias de vida para a população, mesmo entre os que estão empregados; 2) a condenação de uma cultura consumista, marcada pelo desperdício.

Nos dias de hoje, as

distorções do sistema econômico capitalista apresentam mais um agravante: a degradação ambiental e a conseqüente ameaça à existência humana. Sem as mudanças culturais necessárias, a tendência é que esse quadro se agrave aceleradamente.

Como um dos grandes palcos dos processos econômicos contemporâneos, temos as cidades, como pólos de desenvolvimento e espaços de sobrevivência de um número cada vez maior de pessoas. Para se ter uma idéia, um estudo divulgado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, ver <http://www.unfpa.org.br>) indica que, em 2008, mais da

metade da população viverá em áreas urbanas, ou seja, algo em torno de 3,3 bilhões de pessoas. Segundo a mesma pesquisa, esse número deverá chegar a 5 bilhões de habitantes em 2030. A título de comparação, a expectativa é de que a população mundial, urbana e rural, chegue a 9 bilhões em 2050.

Duas observações se destacam no estudo feito pelo UNFPA: 1) o aumento da população será maior entre as camadas mais pobres; 2) o crescimento das cidades não virá da chegada de mais migrantes, ou seja, os atuais habitantes sustentarão o crescimento.

## Demandas da explosão urbana

Não é preciso ser um grande especialista em geografia humana para perceber os riscos do crescimento populacional nos centros urbanos. Os exemplos de desigualdade social e degradação do ambiente são muitos; qualquer habitante de uma área relativamente urbanizada os conhece. Portanto, devemos refletir sobre os caminhos para se evitar ou atenuar as conseqüências da concentração urbana. Mais do que isso, precisamos nos perguntar sobre o papel das comunidades cristãs na luta por condições mais justas de sobrevivência humana.



<http://static.panoramio.com/photos/original/103324.jpg>

Meio  
Ambiente

Se, como indicam as pesquisas, o crescimento das cidades é inevitável, a nossa ação deve tentar impedir a expansão urbana desordenada. É crucial, antes de mais nada, atentar para a situação da população carente e ao crescimento dela sem as condições adequadas de moradia. Pode-se destacar, por exemplo, a necessidade de melhorias nas estruturas de saneamento, sistema rodoviário, transporte público, fornecimento de energia elétrica e coleta de lixo. É óbvio que não se trata de uma tarefa simples. No entanto, somente de maneira planejada, envolvendo o poder público em todas as suas instâncias, o setor privado e a sociedade civil organizada, é que conseguiremos frear a destruição definitiva do ambiente ou o caos nas cidades.

O que supostamente é o pior dos cenários, por incrível que pareça, traz parte da solução. É nas cidades que está, em tese, a saída para um uso mais adequado do ambiente. O relatório apresentado pelo UNFPA vê na concentração urbana uma tensão entre “desolação” e “esperança”. Se por um lado a concentração pode aumentar a insegurança, violência ou problemas ambientais, por outro, as cidades são mais propícias para a participação social e política, oferecem melhores serviços de saúde e, em alguns casos, mais oportunidades de trabalho – ainda que as taxas de

desemprego sejam altas.

Um dos maiores intelectuais brasileiros, o geógrafo Milton Santos, também via nas concentrações urbanas, e também na proximidade propiciada pelos atuais meios de comunicação, uma oportunidade: “O cotidiano de cada um se enriquece pela experiência própria e pela do vizinho, tanto pelas realizações atuais como pelas perspectivas de futuro”. Em outras palavras, a proximidade leva à percepção das diferenças, ao questionamento da realidade e, quem sabe, a uma nova forma de se pensar as relações humanas.

De fato, até do ponto de vista ambiental, a concentração urbana tende a causar menos problemas do que a ocupação de regiões muito extensas. A lógica é simples: o aumento do número de habitantes por metro quadrado em cidades, ou seja, de maneira concentrada, atinge um menor número de ecossistemas porque ocupa um espaço de terra limitado. Além disso, a concentração também favorece a busca de soluções planejadas e comuns.

### E os cristãos com isto?

O planejamento antecipado das cidades exige uma nova postura dos governantes, mas não é suficiente para resolver os problemas se não mudarmos a nossa cultura consumista e a

relação com o ambiente. Portanto, a possível contribuição das comunidades cristãs está tanto no acompanhamento das políticas públicas municipal, estadual e federal, quanto na luta pela promoção de práticas de consumo e de organização social mais justas.

A nossa responsabilidade pela Criação remonta a uma das atribuições delegadas aos seres humanos por Deus (Gênesis 1.26). O compromisso com a cidade também foi registrado em diversos relatos bíblicos (Jeremias 29.7; Hebreus 13.14). Na tradição cristã wesleyana, a preocupação de John Wesley com a Londres do século XVIII tem o seu maior exemplo na Fundação, sede do movimento metodista que contava com projetos de educação popular, saúde, dentre outras atividades.

A atuação dos cristãos e cristãs metodistas pode se ancorar em premissas ainda mais fundamentais. A Boa Nova trazida por Jesus Cristo tem por inspiração primeira o amor ao próximo; sua mensagem é de esperança e promoção da vida. Mais do que palavras, temos em Cristo um testemunho marcado por ações que transformaram o mundo. Hoje, há que se promover uma nova transformação radical do mundo; há que se reinventar uma cultura de séculos de consumo desenfreado, marcada pela falta de atenção aos recursos naturais

da Terra e desprezo pelas condições de vida dos mais pobres.

Não se trata apenas de reduzir o consumo aqui ou ali. Sabe-se, por exemplo, que se todos os habitantes do planeta atingirem o padrão de vida das classes médias de países desenvolvidos não haverá recursos naturais suficientes na Terra para dar conta de tamanha demanda de energia. Não é difícil perceber isso. Vejam os problemas que já temos e imaginem cada família com dois carros, TV, geladeira, computador, DVD etc.

É preciso planejar o crescimento das cidades, buscar fontes de energia renováveis, estimular o planejamento familiar, a reciclagem, mas também mudar a cultura consumista de valorização de supérfluos e desperdício. Cabe às comunidades cristãs o compromisso com o anúncio da esperança, a fiscalização das ações dos poderes públicos, a atenção aos mais pobres, mas também o testemunho, por ações e palavras, de práticas de consumo que revelem o Amor pela vida. Um dos nossos principais campos missionários? A cidade.

---

**Fábio B. Josgrillberg** é leigo metodista, doutor em Ciências da Comunicação e professor da Universidade Metodista de São Paulo. É um dos criadores e editores do Portal Fundação – Fé, Cidadania e Ação - <http://fundacao.jor.br>

Meio  
Ambiente

# Água para a vida

*Declaração do Conselho Mundial de Igrejas*



<http://www.litoralvirtual.com.br/foto/0670.jpg>

O texto a seguir é uma declaração aprovada na 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, realizada no Brasil, em fevereiro de 2006. O documento denuncia o problema da escassez de água no mundo, que é uma das mais graves questões ambientais do presente.

## Declaração sobre água para a vida

1. A água é símbolo da vida. A Bíblia afirma que a água é a fonte de vida, expressão da graça de

Deus concedida perpetuamente a toda a criação (Gn 2.5ss). É a condição básica de toda a vida sobre a terra (Gn 1.2ss) e há de ser conservada e compartilhada em benefício de todas as criaturas e de toda a criação. A água é fonte de saúde e bem-estar e exige de nós, os seres humanos, uma ação responsável, como co-participantes e sacerdotes da Criação (Rm 8.19ss, Ap 22). Como igrejas, somos chamados a participar na missão de Deus e engendrar uma nova

criação na qual se assegure, a todos, vida em abundância (João 10.10; Amós 5.24). Por isso, é preciso denunciar e atuar quando a água que dá a vida se vê ameaçada de forma tão sistemática e generalizada.

2. O acesso à água potável é uma questão cada vez mais urgente em todo o planeta. A sobrevivência de 1 bilhão e 200 mil pessoas se encontra atualmente em perigo por falta de serviços suficientes de água e saneamento. O acesso desigual à água causa conflitos entre pessoas, comunidades, regionais e nacionais. Também a biodiversidade está ameaçada por causa do esgotamento e da contaminação dos recursos de água doce ou dos efeitos das grandes barragens, da mineração em larga escala e do plantio intenso (irrigação), o que frequentemente provoca o desalojamento forçado de pessoas e transtornos ao ecossistema. A integridade e o equilíbrio do ecossistema são cruciais para garantir o acesso à água. As matas constituem uma parte indispensável do ecossistema de águas e é necessário protegê-las.

Contribuem para agravar a crise as mudanças climáticas e a intensificação de seus efeitos por conta de fortes interesses econômicos. A água é tratada, cada vez mais, como um bem comercial sujeito a condições de mercado.

3. A escassez de água é também uma fonte crescente de conflitos. Os acordos sobre cursos de água e bacias fluviais internacionais devem ser mais concretos, estabelecer medidas para se fazer cumprir os tratados e incorporar mecanismos detalhados de solução de conflitos em casos de controvérsias.

4. Há respostas positivas e criativas, tanto no âmbito local como no internacional, que dão relevância ao testemunho cristão sobre os problemas da água.

5. As igrejas do Brasil e da Suíça, por exemplo, fizeram uma Declaração Ecumênica Conjunta sobre a Água como Direito Humano e Bem Público comum, que constitui um excelente exemplo de cooperação ecumênica. O Patriarca Ecumênico Bartolomeu afirma que a água nunca pode ser considerada ou tratada como propriedade privada nem

*Meio  
Ambiente*



se converter em meio e fim de interesses individuais. Ele sublinha que a indiferença frente à vitalidade da água constitui tanto uma blasfêmia contra o Deus Criador, como um crime contra a humanidade. As igrejas de vários países e seus ministérios especializados se uniram em uma Rede da Água para trabalhar em favor da provisão de água potável e de serviços sanitários adequados e defender o direito à água. O acesso à água é certamente um direito humano. A Organização das Nações Unidas estabeleceu a celebração de uma Década Internacional para a Ação “A água, fonte de vida”, 2005-2015.

6. É imprescindível que as igrejas e os organismos cristãos trabalhem unidos e cooperem com outros co-participantes, incluídas outras tradições religiosas, e as ONGs, em particular as organizações que trabalham com populações vulneráveis e marginalizadas, que têm convicções éticas similares. É necessário empenhar-se em debates e atividades em relação com as políticas hidrológicas, incluindo o diálogo com os governos e instituições multilaterais e empresariais. Isto é essencial para promover a importância do direito à água e colocar em destaque outras formas possíveis de viver, que são muito mais respeitadas com os processos ecológicos e mais sustentáveis a longo prazo.

## Resolução

A 9ª Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, reunida em Porto Alegre, Brasil, de 14 a 23 de fevereiro de 2006:

- aprova a declaração sobre a Água para a Vida e pede às igrejas e associados ecumênicos que trabalhem unidos com o fim de:
  - a) promover a conscientização e adotar todas as medidas necessárias para conservar os recursos hídricos e protegê-los do consumo excessivo e da contaminação como parte integrante do direito à vida;
  - b) empregar esforços de sensibilização para a elaboração de instrumentos e mecanismos jurídicos que garantam o cumprimento do direito à água como direito humano fundamental em nível local, nacional, regional e internacional;
  - c) fomentar a cooperação das igrejas e dos interlocutores ecumênicos nos objetivos relacionados à água mediante a participação na Rede Ecumênica da Água;
  - d) apoiar iniciativas baseadas nas comunidades, destinadas a potencializar a população local para que controle, gere e regule de maneira responsável os recursos hídricos, e impedir sua exploração para fins comerciais;
  - e) desafiar governos e organismos internacionais de ajuda para que dêem prioridade e designem fundos suficientes e outros recursos a programas encaminhados para que as comunidades locais tenham acesso à água e promover também o desenvolvimento de sistemas e projetos de serviços sanitários adequados, considerando as necessidades das pessoas com deficiência para que tenham acesso a esses serviços

Meio  
Ambiente

## DECLARAÇÃO BRASIL-SUIÇA

A Declaração sobre Água para a Vida menciona a assinatura da DECLARAÇÃO ECUMÊNICA SOBRE A ÁGUA COMO DIREITO HUMANO E BEM PÚBLICO pelas igrejas do Brasil e da Suíça. Esse documento foi assinado em abril de 2005, em reunião promovida na cidade de Berna (Suíça), relacionada à Década Internacional para a Ação

“A ÁGUA, FONTE DE VIDA”,  
2005-2015.

Assinam a declaração o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, a Convenção de Igrejas Evangélicas da Suíça, a Conferência Nacional de Bispos Católico-Romanos do Brasil e a Conferência dos Bispos Católico-Romanos da Suíça.

Para acessar esse documento,  
basta visitar o link:  
[http://www.conic.org.br/  
index.php?system=news&news\\_id=  
279&action=read](http://www.conic.org.br/index.php?system=news&news_id=279&action=read)

- f) acompanhar as controvérsias e os acordos relacionados a recursos hídricos e a bacias fluviais, com a finalidade de garantir que tais acordos contenham disposições detalhadas, concretas e claras para a solução dos conflitos;
- g) contribuir com a Década Internacional para a Ação “A água, fonte de vida”, 2005-2015, examinando e destacando as dimensões éticas e espirituais das crises de água.

# Não há lugar para o espinheiro

Josué Adam Lazier



Edição de imagem: Jovanir Lage

A fábula de Jotão (Juízes 9.7-15) denuncia as ações de um dos filhos de Gideão que se utilizou de expedientes reprováveis para assumir a liderança do povo e, para isto, contou com a omissão das lideranças das famílias naquela época. O filho mais novo do juiz morto, que havia conseguido livrar-se das loucuras do irmão mais velho, Abimeleque, começou a contar a fábula das árvores para advertir o povo sobre as propostas de governo de seu irmão. Jotão comparou-as ao espinheiro, que não produz nada além dos espinhos, ao contrário das outras árvores da fábula, a oliveira, a figueira e a videira que produzem bons frutos.

Nesta reflexão quero apropriar-me da mensagem da fábula e compará-la ao mercado educacional que cresce em nosso país e transforma a educação em produto de vendagens e de aplicação em bolsas de valores, ao espinheiro. Considero que a educação preconizada pela Igreja Metodista, e definida nos documentos *Plano para a Vida e Missão e Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, é a boa árvore, cujos frutos podem ser simbolizados nos da oliveira, da figueira e da videira. É claro que não é somente a Igreja Metodista que preconiza uma educação nestes níveis de resistên-

cia ao mercado, há outras instituições confessionais que também o fazem.

Da mesma forma que cresce o mercado educacional, ou a proposta do espinheiro, crescem também as preocupações de que esta tentação e tendência cheguem aos arraiais confessionais, incluindo aí o metodista. Cresce também a desconfiança de que a Igreja, como instituição humana, que trabalha com o sagrado, não consiga resistir aos apelos do mercado e sucumba ante as propostas do “espinheiro”. Considero que

isto não seria possível levando-se em conta que a Igreja, há muitos anos,

abandonou o cumprimento da sua missão, em forma de finalidades, para uma concepção mais abrangente a partir do Reino de Deus, que é o eixo central da sua missão e a razão de ser Corpo Vivo de Cristo, ou estaria enganado quanto a isto?

## Educação e missão

Quando falo em missão estou me referindo à educação também, pois ela está inserida na concepção de missão que a Igreja Metodista preconiza. O *Plano para a Vida e Missão*, vigente desde 1982, assim se expressa:

A Educação como parte da Missão é o processo que visa oferecer à pessoa e comunidade, uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com uma prática libertadora, recriando a vida e a sociedade, segundo o modelo de Jesus Cristo, e questionando os sistemas de dominação e morte, à luz do Reino de Deus (*Plano para a Vida e Missão*, item C).

Com relação à educação, a Igreja Metodista abandonou uma tendência liberal e individualizante desde a aprovação do documento com as Diretrizes para a Educação

Educação

em 1982 e, ao fazer isto, expurgou os seguintes elementos dessa tendência:

preocupação individualista com a ascensão social; acentuação do espírito de competição; aceitação do utilitarismo como norma de vida e colocação do lucro como base das relações econômicas (*Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, item III).

Desta forma, as bases bíblico-teológicas que fundamentam o documento indicam uma prática educativa vinculada aos valores do Reino de Deus e não aos do mercado e contrapõem movimentos que anseiam por uma educação na perspectiva do neoliberalismo.

### Missão vs tensões e pressões

Logicamente, a Igreja é instituição formada por pessoas sofrem todo tipo de pressões e tensões. Como em qualquer instituição, também na Igreja há sempre movimentos de transformações e disputas internas pelo poder e pelo *status* que a religião confere aos seus líderes. Mas há aqueles/as que resistem e ajudam a Igreja a superar estes momentos. Desta forma, considero que a proposta do “espinheiro” não encontra guarida em

nosso meio, institucionalmente falando. Para que isto viesse a ocorrer seriam muitas as rupturas. Elenco algumas:

1. O Reino de Deus teria que deixar de ser o eixo central da missão da Igreja e das ações educativas, pois uma missão vivenciada na perspectiva da justiça deste Reino não combina com valores mercantilizadores da nossa sociedade. Ao assumir valores mercantilistas a Igreja se transformaria num grupo de pessoas acentuadamente individualistas e não se identificaria mais como povo de Deus;
2. Algumas páginas do Evangelho de Cristo teriam que ser jogadas fora, pois ele adverte sobre o “deus” do presente século que é o poder monetário, o mercado que desgraça a vida das pessoas, e orienta para uma vida em sociedade onde a ética, o respeito e a vida são prioridades;
3. Parte da herança que nutriu os metodistas em quase 300 anos de história e de serviços prestados ao mundo, seja por meio da evangeliza-

ção, da educação, do trabalho social e da presença sacerdotal e profética na sociedade, teria que ser apagada da nossa memória;

4. Documentos construídos de forma coletiva, participativa, reflexiva, confessional e profética, que amadureceram e deram respaldo teológico à missão, teriam que ser desrespeitados. Como exemplo, cito o documento *Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista* que afirma o seguinte:

Não se pode mais aceitar uma educação elitista, que discrimina e reproduz a situação atual do povo brasileiro, impedindo transformações substanciais em nossa sociedade. Também não podemos nos conformar com a tendência que favorece a imposição da cultura dos poderosos, impedindo a maior participação das pessoas e aumentando cada vez mais seu nível de dependência (*Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista*, item IV);

5. A experiência pessoal de milhares de pessoas com a gratuidade do amor de Deus e, portanto, transformadora da vida e das re-

lações, teria que ser anulada definitivamente.

Para que tu-

do isto acontecesse, diversos Concílios Gerais da Igreja Metodista teriam que ser realizados. Mesmo que em alguns houvesse retrocessos, em outros haveria avanços mais significativos. Tem sido assim a história dos concílios metodistas.

Diante disto, está claro para mim que a opção da Igreja, para todas as suas áreas de missão, é pela proposta da oliveira, da figueira e da videira, ou seja, pelos frutos da cidadania, da solidariedade, da tolerância, da vivência de paz, da convivência de amor, da fraternidade, da dialogicidade, do companheirismo e da sinalização do Reino de Deus. Assim se combate os projetos do espinheiro, que estão presentes em nossa sociedade e que seduzem a Igreja, seja na área educacional ou em qualquer outra da vida ou da missão. Não há lugar para o espinheiro entre nós. Que ele seja anátema, bem como toda tentativa de negação da identidade e confessionalidade que caracteriza o povo chamado metodista.

**Josué Adam Lazier** é Bispo Honorário da Igreja Metodista e professor da FaTeo na área de Educação Cristã.

Educação



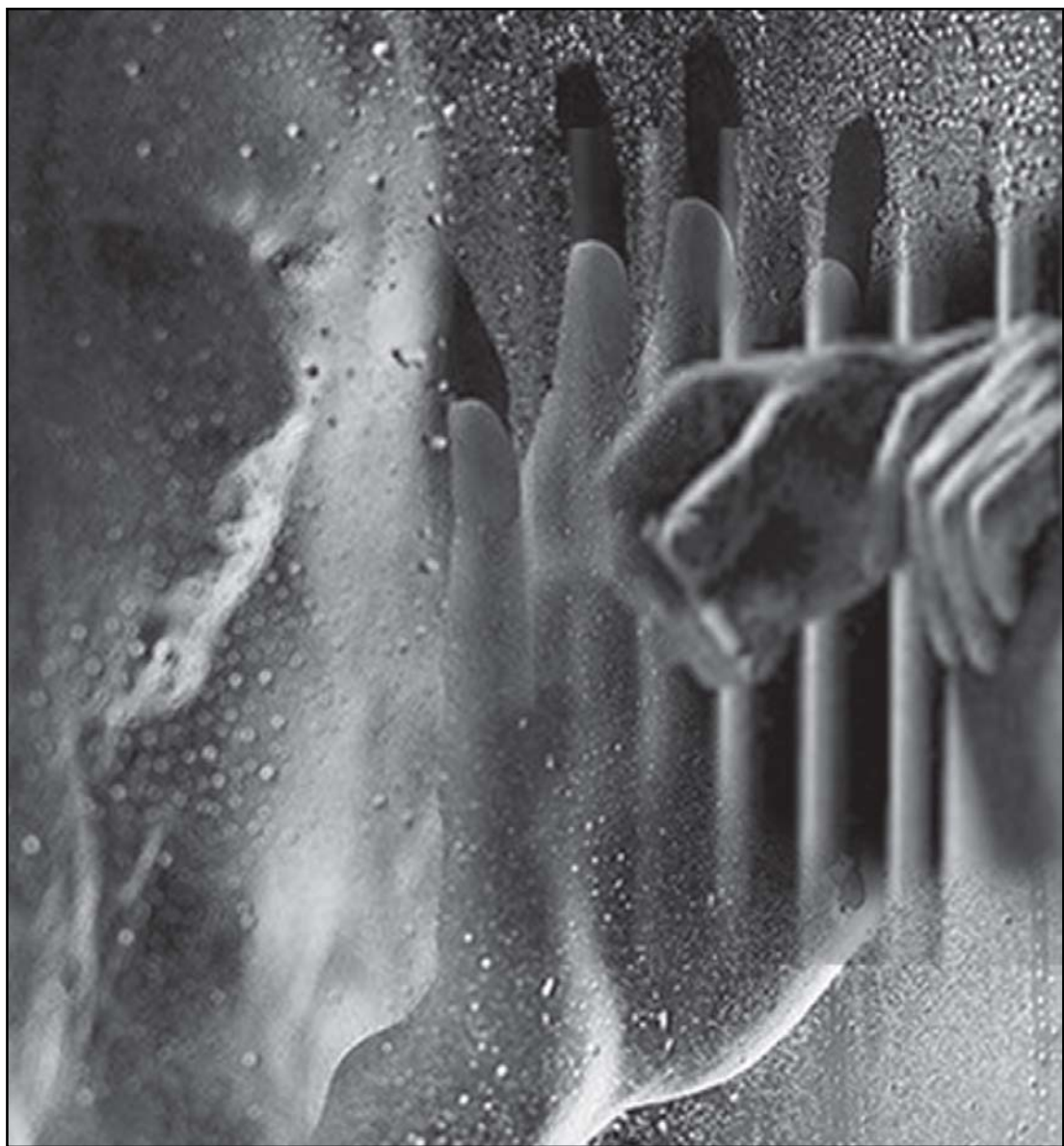
## "Olho por olho e acabaremos todos cegos"

Welinton Pereira da Silva

A frase acima não é minha, foi inspirada em uma faixa exposta durante um jogo no Maracanã com quase os mesmo dizeres.

Está na ordem do dia a discussão sobre a maioridade penal. É incrível ver como um tema toma conta da população com a mídia que atea fogo no circo armado, incentivando o espírito de vingança e raiva. Vendem-se jornais, revistas e pontos no Ibope na apresentação de soluções simplistas; o clamor popular ou a opinião pública como um deus desejoso de sacrifício exige mudanças já; na sociedade do "fast food", a criminalização dos "menores" surge como a grande salvadora da pátria; o Congresso Nacional que se notabilizou por absolver seus pares mensaleiros e em não votar nada a não ser as medidas provisórias do Executivo, votou três alterações na lei de segurança em apenas 24 horas.

O psicanalista e colunista do jornal *Folha de São Paulo* Contardo Galligaris denuncia a hipocrisia de nossa sociedade, citando



Michel Foucault, ao afirmar que "a prisão é uma instituição hipócrita desde

sua invenção moderna, ela protege o cidadão, evitando que os lobos circulem

pelas ruas, pune o criminoso, constringendo seu corpo, mas nossa alma

Reflexão

“generosa” dorme melhor com a idéia de que a prisão é um empreendimento reeducativo, no qual a sociedade emenda suas ovelhas desgarradas”. Quem conhece nossas prisões superlotadas e imundas sabe que as mesmas funcionam como verdadeiros depósitos de seres humanos, para não dizer uma universidade do crime.

Ficamos todos angustiados e revoltados com mortes como a de João Hélio, que teve sua vida ceifada de maneira tão trágica e violenta (arrastado num carro, preso pelo cinto de segurança) com apenas seis anos de idade. Mas será que os que defendem a redução da maioridade penal realmente acreditam que isto vai resolver nossos problemas de violência e insegurança? Será que a ida de nossos adolescentes para as cadeias mais cedo vai ajudar na reeducação deles?

Se analisarmos os dados das Secretarias de Segurança Pública de nossos estados vamos constatar que o índice de crimes cometidos por adolescen-

tes é infinitamente menor dos que os praticados por adultos. Esse tipo de crime é, portanto, uma pequena ponta do *iceberg* da violência, da insegurança e da corrupção presentes em nossa sociedade. Certamente, se desejarmos resolver, de fato, a questão da criminalidade nas grandes cidades, nossa reflexão e atuação precisa ser bem mais séria e responsável e não resultar na hipocrisia que presenciamos principalmente da parte dos nossos dirigentes que vêm a público fazer propostas que eles mesmos sabem que não são viáveis.

Revi recentemente o filme “174” que retrata o episódio vivido pelos passageiros do ônibus no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, os quais Sandro, ex-menino de rua e sobrevivente da Chacina da Candelária faz reféns. É impressionante a sucessão de erros e a falta de equipamentos da Polícia Militar que estava atuando no caso. O desfecho foi o assassinato de Sandro e de uma refém quando o caso estava praticamente resolvido. Certamente aquela

jovem estudante não estaria morta, não fosse a ação atabalhoada dos policiais atuantes no caso.

Com toda indignação que tais casos devem nos provocar, e com solidariedade às famílias, gostaria muito que houvesse a mesma indignação e revolta contra todas as injustiças e corrupção que têm assolado o nosso país, que têm jogado e mantido pessoas na cadeia sem a menor chance de recuperação. Precisamos dar um basta à hipocrisia se desejamos resolver os problemas da violência e segurança. É consenso entre os que conhecem minimamente nossas instituições que o problema não está na lei e sim nas instituições públicas que não funcionam. É grande a sensação de impunidade; a mudança na lei pode até dar à sociedade a sensação de ter resolvido a questão mas certamente o problema persistirá.

Numa sociedade em que poucos são muito ricos e muitos são muito pobres, em que a sensação de impunidade tornou lugar comum, não basta

mudar as leis de segurança; nossa mudança precisa ser bem mais profunda, uma verdadeira conversão como propõem os Evangelhos: *Certa vez respondendo à pergunta dos discípulos sobre “quem era o maior no Reino de Deus” Jesus chamou uma criança, colocou-a no meio deles e disse: eu lhes garanto: se vocês não se converterem e não se tornarem como crianças, vocês nunca entrarão no Reino dos Céus (Mt. 18.2).*

Espero que acontecimentos recentes, como a morte de João Hélio e o assassinato da avó por um menino de 12 anos a facadas depois de ter cheirado solvente (prática comum entre meninos que vivem nas ruas) despertem nossa sociedade desse sono profundo da indiferença.

---

**Welinton Pereira da Silva** é pastor metodista e assessor de Relações Cristãs da ONG Visão Mundial.

# A Igreja Metodista no Brasil e a encruzilhada entre Bento XVI e o G-12

Paulo Ayres Mattos

O Papa Bento XVI, como era de se esperar, continua aprontando das suas. Claro que por trás da nota do Santo Ofício está não o dedo mas toda a mão de Bento XVI. O que mais me impressionou nesta última ação não foi a declaração da Igreja de Roma como a única verdadeira Igreja, mas, sim, de publicamente manifestar sua aversão contra Leonardo Boff, único teólogo católico contemporâneo que tem explicitamente citada no documento uma obra sua *Igreja, Carisma e Poder*. Parece que Ratzinger não perdoa o Boff de verdade e de jeito nenhum!

Mas, deixando de lado a falta de amor (como se isso fosse possível a um cristão ou cristã), quanto ao conteúdo da mensagem, “nada de novo no quartel de Abrantes”, isto é, no Vaticano. Só explicita o que já está dito nos documentos eclesiológicos do Vaticano II. E nisso a nota está cem por cento correta. Somente quem não leu tais documentos estranha o conteúdo da mensagem, que, aliás, o Cardeal Ratzinger, já em 2000, tinha exposto na sua *Dominus Iesus*. Nas minhas aulas de ecumenismo quando trato do Vaticano II e o ecumenismo peço aos alunos e alunas para lerem a *Lumen Gentium* e a *Unitatis Redintegratio* e identificarem o que mudou e o que não mudou na eclesiologia católica no Vaticano II. E aí fica claro que a Igreja de Roma no Vaticano II não abriu mão de ser a única Igreja onde subsiste a verdadeira Igreja de Cristo.

O problema não é o conteúdo mas o contexto em que a mensagem é publicada. E é aí que tudo se complica. É claro que o que está em jogo é a perda de poder que o catolicismo e todas as demais *mainline churches* (“igrejas principais”), estão sofrendo pelo mundo afora, inclusive a Metodista, com perda de membros e/ou de influência na sociedade. É a situação também daquelas que

estão crescendo numericamente mas não conseguem conviver com o avanço dos direitos humanos individuais e sociais, como no caso das fundamentalistas e neo-pentecostais. É a luta contra a modernidade e a pós-modernidade. A luta contra a possibilidade de se suspeitar das verdades de cada uma dessas igrejas jura ser a revelação positiva da única verdade divina.

Mas também para nós, na América Latina, a mensagem tem de ser considerada no contexto da recente Conferência Episcopal de Aparecida a partir da qual fica claro o buraco que o pentecostalismo, em suas diferentes

versões, tem aberto na Cristandade Católico-Romana da América Latina. Com as decisões de Aparecida é claro que o Catolicismo Romano Latino-Americano está pretendendo entrar para valer na competição pela clientela do mercado de bens religiosos e disputar com outras religiões, particularmente com o pentecostalismo, a parte que pensa “lhe caber neste latifúndio religioso”. Daí negar a eclesialidade de todas as demais Igrejas não-Romanas, e, especialmente, as pentecostais.

Com as decisões de Aparecida é claro que o Catolicismo Romano Latino-Americano está pretendendo entrar para valer na competição pela clientela do mercado de bens religiosos

Ora, qualquer movimento ecumênico sério nos dias de hoje não pode deixar de reconhecer a legitimidade eclesial de grande parte das Igrejas Pentecostais, mesmo que muitas vezes se venha discordar de suas práticas e doutrinas. Mas não, “para estancar minha hemorragia, sangro o meu próximo!” Aí é cada um por si e salve-se quem puder! Farinha pouca, meu pirão primeiro! “Homessa”, diria o Eça, “eitcha lógica besta!”

Sou ecumênico e continuarei a ser ecumênico não por causa disto ou daquilo que essa ou aquela Igreja diz ou deixa de dizer, faz ou deixa de fazer, principalmente do que a minha ou a Igreja de Roma pensa ou deixa de pensar! Sou ecumênico e continuarei ecumênico porque creio que esta é a vontade de Jesus Cristo expressa no Evan-

Crônica



gelho, e, no meu caso de metodista, porque o fundador da “minha seita”, John Wesley, foi um homem de espírito católico, que sem abrir mão de suas profundas experiências e convicções teológicas, que animaram todo o seu ministério de evangelista e avivalista, pensou e deixou os outros pensarem, a ponto de, discordando das doutrinas e práticas da Igreja de Roma, criticando-as radicalmente em diversos de seus escritos ao longo de seu ministério, no final de sua vida, no sermão “Sobre a Igreja” não ousar negar a eclesialidade da Igreja de Roma e excluí-la da Igreja Católica (Universal) de Cristo! Por isso, creio que não se pode nunca esquecer que, acima de tudo, o Evangelho do Reino de uma nova vida foi vivido e proclamado por Jesus no meio dos pobres, dos doentes, dos endemoniados, dos herejes, dos réprobos, dos excluídos, das prostitutas e publicanos, marginalizados pela sociedade e religião de sua época.

Portanto, em fidelidade ao Evangelho e ao Metodismo Histórico, sou e continuarei sendo ecumênico! E não adianta os irmãos e irmãs anti-ecumênicas ficarem a bater palmas por causa da farraçada anti-ecumênica de Bento XVI e a pensar que agora se pode “lançar uma pá de cal sobre os remanescentes amantes da Igreja Católica e do ecumenismo”. Respeitando e defendendo veementemente o direito de termos opiniões diferentes sobre assuntos de doutrina e prática, creio que não é assim que vamos no espírito de Cristo resolver nossas diferenças. Se repugnamos veementemente o Santo Ofício Romano, com muito mais razão devemos repugnar o Santo Ofício Metodista, pois não foi caça às bruxas, de um lado ou de outro, que o Concílio Geral da Igreja Metodista no Brasil, por exemplo, decidiu!

Ao mesmo tempo, contudo, o respeito à

diferença não significa indiferença frente a doutrinas que ferem o metodismo histórico como é o caso do cripto-movimento G-12 crescente em diferentes regiões da Igreja Metodista brasileira, que, como se escondendo por trás da prática wesleyana de pequenos grupos, acaba por instituir dentro de muitas igrejas locais uma eclesiologia da igreja em células “dentro da visão” e subordinadas e condicionadas às experiências desenvolvidas nos encontros com Deus, fora do ambiente da igreja local, mas que acabam por impor sua lógica à

vida de nossas igrejas locais. Lideranças são marginalizadas e excluídas porque, em razão de consciência e fidelidade à proposta de uma igreja inclusiva de dons e ministérios, não aceitam submeter-se a tal lógica. O argumento de que o modelo de igrejas em células faz a igreja crescer numericamente é freqüentemente ouvido e justifica uma série de atropelos na vida de nossas igrejas locais. A lógica de que o que funciona é por si mesmo bom, não resiste à lógica do Apóstolo quando ele afirma “tudo me é lícito, mas nem tudo me convém”!

---

Qualquer movimento ecumênico sério nos dias de hoje não pode deixar de reconhecer a legitimidade eclesial de grande parte das Igrejas Pentecostais, mesmo que muitas vezes se venha a discordar de suas práticas e doutrinas.

E ficamos nós, metodistas brasileiros, na mesma encruzilhada do primitivo metodismo norte-americano quando, entre a escravidão e o crescimento da Igreja, optou pelo crescimento numérico, preferindo ser uma igreja grande do que ser povo em santidade, tudo sob as vistas do Bispo Asbury, que um dia teria dito que preferia ter uma igreja santa ao invés de uma igreja grande, e mais tarde se dobrou à lógica do “porque funciona é certo”. Entre nós, mais uma vez, se repete essa queda da graça, mais uma vez com o argumento do crescimento numérico, e tudo isto sob o guarda-chuva de um programa de discipulado. Estamos cada vez mais engolfados pela tentação de ser uma Igreja grande ao invés de

uma Igreja Santa. E nos esquecemos de que grandeza não faz parte das marcas da Igreja, mas santidade sim!

E, surpreendentemente, entre os irmãos e irmãs que atacam o ecumenismo muitos há que promovem, ardentemente em suas igrejas e regiões, a adoção do modelo G-12 das igrejas em células. Entretanto, creio que não se trata de demonizar a proposta do G-12, mas de deixar claro, como já o fez o Colégio Episcopal da Igreja Metodista em outras circunstâncias, que se esta proposta é válida para outros grupos cristãos, ela não é e não pode ser a eclesiologia da Igreja Metodista no Brasil. Isso porque fere frontalmente a proposta de uma igreja em dons e ministérios que é inclusiva por reconhecer que todos os crentes, mulheres e homens, crianças, jovens, adultos e idosos, como diria Wesley, independente de seu grau de fé, somos todos parte do Povo de Deus. Portanto, nenhum pastor ou pastora, nenhum leigo ou leiga, tem permissão para promover dentro de nossas regiões e igrejas locais a adoção e desenvolvimento de qualquer prática eclesiástica que seja excludente.

No fundo a lógica de Bento XVI é a mesma dos defensores do G-12. O que for necessário se fazer para ou evitar-se a evasão de membros ou fazer a igreja crescer numericamente, é lícito e válido, não importando a que preço ou qualquer outra consideração eclesiológica e missionária. É por isto que tanto Bento XVI como os anti-ecumênicos e praticantes do cripto-G-12 têm uma comum agenda ultra-conservadora, quase ou totalmente fundamentalista, e compartilham causas comuns tanto no nível da Igreja como

da sociedade. E todos que ousam não se pautar por tal agenda são considerados inimigos que devem ser varridos, como no caso de Boff ou como no caso da participação metodista no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC).

No fundo ambos acreditam e praticam a guerra santa seguindo a lógica da Batalha Espiritual, tão em voga entre nós. É por isso que anti-ecumênicos esfregam suas mãos radiantes com a declaração da Igreja de Roma sobre sua exclusiva eclesialidade, apregoam o fim do ecumenismo, e querem lançar uma pá de cal, claro que sobre o cadáver, de quem pensa diferente. A

que ponto nós chegamos! Creio que todos nós que amamos a Igreja e queremos ver a paz reinar entre nós pautados pela lógica da santidade de coração e vida, mediante o amor a Deus e ao próximo, de maneira particular aos “inimigos”, devemos rejeitar a lógica da batalha espiritual, venha de onde vier.

Oro para que a Comissão Especial nomeada pelo Colégio Episcopal para assessorá-lo no encaminhamento da questão ecumênica na Igreja Metodista no Brasil, não se deixe levar nem pela lógica de Bento XVI nem pela lógica daqueles que querem varrer da Igreja os que creem

que o metodismo é por natureza ecumênica e, a exemplo de Wesley, rejeitam negar a eclesialidade da Igreja de Roma apesar de suas errôneas doutrinas e práticas anti-bíblicas.

---

**Paulo Ayres Mattos** é Bispo Emérito da Igreja Metodista, doutorando em Teologia e professor licenciado da FaTeo para a conclusão da tese de doutorado.

---

Estamos cada vez  
mais engolfados  
pela tentação de ser  
uma Igreja grande  
ao invés de uma  
Igreja Santa. E nos  
esquecemos de que  
grandeza não faz  
parte das marcas da  
Igreja, mas  
santidade sim!

# Lançamentos da Editeo em 2007



## Wesley e o Mundo Atual

Theodore W. Jennings Jr.

Wesley é cada vez mais reconhecido como pensador que soube articular diferentes faces da herança cristã com práticas missionárias à altura dos desafios enfrentados por uma sociedade em acelerado processo de transformação. O mais curioso é que o caráter sistemático de sua teologia e a sua decisiva orientação para a práxis da fé, antes vistos como sua mais evidente fraqueza, são hoje grandemente valorizados. Não é de se admirar, portanto, que numa época de crise como a nossa, Wesley seja mais uma vez reinterpretado e que a sua contribuição seja posta à prova, inclusive na iluminação de questões sobre as quais ele mesmo não refletiu diretamente ou que não estavam presentes em seu horizonte imediato.



## Pluralismo e a missão da Igreja na atualidade

Inderjit S. Bhogal

[Colaboradoras: Magali do Nascimento Cunha e Sandra Duarte de Souza]

A liberdade religiosa é um valor importante e uma tarefa contínua. O pluralismo não impede a missão e jamais nos isenta da tarefa de compartilhar o Evangelho com toda a nação. Pelo contrário: o testemunho cristão é uma voz a favor de transformações profundas de nações, das instituições e de pessoas; coloca na pauta nacional a complexidade humana como seu maior desafio que precisa ser discutido pelo bem de todos; afirma a graça divina como razão da sua maior esperança, de que mudanças são possíveis.



## Revista Caminhando nº. 19

A revista *Caminhando*, como sempre, conta com articulistas da Faculdade de Teologia e da Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Além disso, este número conta com contribuições da Faculdade de Teologia Bennett, Rio de Janeiro, e da *Candler School of Theology*, Atlanta, EUA.

Para adquirir estas obras,  
**ligue para:**

(11) 4366-5982

ou envie um e-mail para  
livrariaediteo@metodista.br

ou ainda, um fax para:

(11) 4366-5962

Informações sobre as recentes publicações da Editeo, com os respectivos preços, podem ser obtidas por meio da página eletrônica da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista/Umesp:

<http://www.metodista.br/fateo>  
[clique no menu "Editeo"]

Publicações



# O homem justo, a mulher piedosa

... são como a árvore plantada junto a  
corrente de águas, que, na devida esta-  
ção, dá o seu fruto. (Sl 1.3)

## Intróito

Cântico que expresse que a comunidade está voltada  
para a *Palavra*

[Durante o cântico, dá-se a entrada da Bíblia e acendem-se as duas velas (repre-  
sentando as naturezas divina e humana de Cristo)]

**Hino:** HE 140

[Leitura de Filipenses 4.4]

## Palavra de acolhida

**Cântico:** “*Alegrai-vos sempre no Senhor*” [Filipenses 4.4;  
música de autoria desconhecida (Cânon)]

## Oração de adoração

**Convite à confissão:** “Leitura de Marcos 9.33-34”

## Silêncio

**Hino:** HE: 251 (1ª e 2ª estrofes)

[Leitura de Tiago 3.13-4.3]

## Confissão

**Hino:** HE: 251 (3ª e 4ª estrofes)

## Palavra de graça e perdão

[Leitura de Marcos 9.35-37]

## Louvor

[Dois cânticos que expressem a Criação, frutos, sementes - Durante o primeiro  
cântico, entrada de cestos de flores silvestres]

## Edificação

**Texto base sugerido:** *Salmo 1*

## Cântico de aclamação da Palavra

**Prédica:** *Oração pela paz*

Ó Deus, desde que o sangue de Abel gritou a ti, do  
fundo da areia que o bebeu,

esta tua terra tem sido manchada pela mão de seu  
irmão, e todos os séculos

soluçam ante o horror sem fim da guerra. A arro-  
gância dos que se assentam

nos lugares de poder e a cobiça dos fortes têm sem-  
pre levado nações pacíficas à matança.

Os hinos do passado e a pompa dos exércitos têm  
sido usados para

inflamar as paixões do povo. O nosso espírito grita  
a ti, em revolta contra isso,

e sabemos que a nossa justa indignação reverbera  
na tua ira santa.

Quebra o feitiço que embriaga as nações com a von-  
tade das batalhas, a qual faz delas

instrumentos de morte. Dá-nos uma mente tran-  
qüila, quando nossa própria

nação clama por vingança ou agressão. Fortifica  
nosso senso de justiça e da igual dignidade

de outros povos e raças. Dá, aos que governam  
nações, fé

na possibilidade da paz por meio da justiça, e con-  
cede às pessoas comuns

um entusiasmo novo e intenso pela causa da paz.  
Abençoa nossos soldados

e marinheiros em sua prontidão para obedecer e  
seu desejo de responder

ao chamado do dever. Mas, a despeito disso, inspi-  
ra neles o horror pela guerra,

e que eles nunca, jamais, por amor à glória, provo-  
quem sua eclosão. Ó tu, Pai de todas as nações,

reúne tua grande família em torno do senso de um  
sangue

e um destino comuns; que a paz venha sobre a ter-  
ra, finalmente, e o teu sol faça brilhar a sua luz

num universal regozijo sobre uma santa irmandade  
de todos os povos.

[*Contra a Guerra:* Walter Rauschenbusch]

## Cântico

Um que expresse o desejo e o sonho da paz no mundo

[Durante o cântico, cada um/a pega uma flor e oferece a alguém, juntamente com o  
abraço da paz]

## Momento da comunidade

## Oração final

## Bênção

## Poslúdio

[Projeção de flores se abrindo — Saída da Bíblia e apagar das velas]

---

Coordenação de Liturgia da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista,  
em setembro de 2006. Sugestão de roteiro para o Dia Mundial de Ora-  
ção pela Paz em 21 de setembro de 2007.